

D. Cayafá Soca — "Pasajes de la Vida" — Editorial Apolo — Montevideo — 1927.

Numa das paginas literarias dominicanas do "Diario Nacional", já publicadão, faz tempo, um conto impressionante de Domingos Cayafá Soca.

Agora o distinto contista uruguayo acaba de publicar mais um livro, "Pasajes de la Vida". Não é propriamente um livro de contos. Trata-se dos dialogos eminentemente moralistas que o escriptor teve com o cachorro delle, Vigilante, depois que lhe aprendeu a fãta.

Vigilante é um cachorro moralista muito serio e que não consegue notar muita differença entre os homens e os cachorros. Só de vez em quando percebe que se tem differença entre essas duas classes de "gente" ella demonstra que a gente canina é bem melhor que a caçada.

Essa uma reflexão bem feita de Vigilante, depois do escriptor se sarapantando do odio do cachorro pelos mendigos:

— Não. Minha adversão vae pelos mendigos-repteis. Os que nem moral nem intellectualmente não valem cousa nenhuma. Então esmolam o que não puderam ganhar por si nem são dignos de possuir. Os que atraçoam ideias, se curvam vilmente diante dos outros e afagam e adulam por interesse. Os que nunca passariam de incapazes e nullos se não se arrastassem feito babosa. Que supportam insulto e ultrage se rindo amavelmente só para conseguir emprego e janta. Os que suprem intelligencia e actividade com chaleirice. Os que obtêm as cousas só depois de um poder de humilhações. Que mystificam os actos dolles; enganam com elogios... A esses tapetes, semvergonha, grotescos eu era capaz de morder o coração delles.

O autor das "Emoções Vividas" tem razão de botar esses pensamentos na bocca de um cachorro... Na bocca de um homem seriam quasi antipsychologicos... Ou pelo menos rarissimamente sinceros.

"Verde" revista moderna. N. 3 — Cataguazes, Minas Geraes.

O numero tres da revista "Verde" veio positivamente brilhante. Todo um grupo de escriptores novos apparece nelle, felizes de escrever prosa ou verso, se dando bem dentro do Brasil. E' um numero duma alegria e duma ingenuidade prodigiosa. Esses moços de Cataguazes estão realizando deveras um milagre. São tão corajosos, tão impetuozos e tão felizes que acabam dynamizando o mundo. Devem descender na certa do batacanico e jazzbandico barão das Catas Altas, com ramal pela Chica da Silva.

Este numero aliás tornou a revista... (será cataguazense que se diz?) mineira, internacional. Vem nella um poema vibrante de Idefonso Pereda Valdés, muito bonito, inspirado por essa brasileira cantora, Germana Bittencourt, que está fazendo furor no Prata. Também Blaise Cendrars collabora com uma quadrinha de regular bom-humor. Aliás todo o numero está excellente, variadissimo, com um modo de figuras diferentes e fortes. João Alfonsus está escrevendo prosa da boa em contos muito vivos. Oswaldo de Andrade publica uma pagina admiravel de honhomia e invenção sobre "Os Esplendores do Oriente". Mais ou menos na mesma direcção Prudente de Moraes Neto, publica uma aventura que é um primor de estylo. Pedro Nava publica uma Ventania que desde muito considero magistral. Carlos Drummond de Andrade está cada vez mais seguro de si. Se "Quadrinha" não tem a pureza e a força impressionante do "Signal de Apito", é duma gestosura anecdótica deliciosa. Sergio Milliet tem na "Religião" um dos seus momentos mais intensos de emoção lyrica. E assim vae o numero numa riqueza de cousas interessantes e nomes por conservar. Não posso enumerar todos.

A parte theorista, criticas, manifestos, ensaios é o fraco da revista. Muita falta de informação esclarecida, de selecção firme, muita affirmativa afobada. Mas carece lembrar que esses rapazes donos da "Verde" dançam ainda na sala dos dezoito annos. O ma-

xixe já está bem requebrado porém ás vezes sae fora do compasso, No fim dá tudo certo, garanto.

"Festa" nos. 1, 2 e 3 — Rio de Janeiro.

Talvez mesmo devido ás preocupações de orden espirital um pouco abstracta que o animam. tem um grupo de literatos no Brasil, que vae passando por demais na sombra. Esse grupo afinal resolveu chamar a attenção do brasileiro leitor, para elle e está publicando uma revista, "Festa".

Fez muito bem. Se mais ou menos elle vivia na sombra, não se pôde culpar disso os que viviam chamando a attenção, conseguindo um momento quasi monopolizar a preocupação literaria brasileira.

Esse monopolio "Festa" veio provar bem que era injusta. Agora, duas cousas, o grupo de "Festa" deve confessar: E' incontestavel que os que conseguiram dynamizar, agitar muito a vida literaria de Brasil neste seculo, foi o grupo que a gente pôde condensar em algumas das figuras que tomaram parte na Semana de Arte Moderna. A agitação, a vida nova principio com essa gente. E' possivel que o pessoal de "Festa", não carecesse do movimento modernista para ser o que é. Mas, é incontestavel que vivia apagado, numa torre de marfim, muito orgulhosa e isolada.

O outro grupo compreendendo mais razoavelmente que numa época de bulha e de chifrim, carece não empregar surdina, empunhou trombone e bumbo e se fez valer. Supponhamos, como tanto desejam alguns do grupo de "Festa", que os outros modernos não tenham nenhum valor. Não posso me convencer disso, mas accetto a supposição para argumentar. Como é impossivel, psychologicamente impossivel, um "homo sapiens" acreditar que não tem valor, ninguém pôde culpar os modernistas de São Paulo e Rio, de terem feito anuncio das suas verdades. Fez-se valer e dynamizou a literatura brasileira. Causa que o grupo de "Festa" jamais não conseguiu. Só porque empregava surdina no meio da bulha do seculo. O erro do grupo de "Festa" foi um erro de orchestração.

E, aliás, o grupo de "Festa" carece não esquecer que quem aguentou a pancadaria, as descomposturas, os insultos, as perfidias e as calumnias, fomos nós, unicamente nós, emquanto o grupo de "Festa" na maciota passeava illeso e até ajudava na pancada e no asobio. Mas, hoje está beneficiando do que a gente praticou, brigou e aguentou. Porque se "Festa" com suas letras minusculas, bancando minusculas em nomes e titulos, com suas disposições typographicas divertidas, com suas linguagens syntheticas e telegraphi-

cas, com seus versos livres, com suas affirmativas desassombradas a respeito de Billac e outros idiotas, so "Festa" apparecesso de sopetão no Brasil, antes de "Klaxon", de "Esthetica" (tão livre que acolheu gente de "Festa") de "Terra Roxa" e de "Revista", de Minas, havia de causar escandalo e tomava pancadaria na certa. Mas, como houve tudo o que houve antes da "Festa", ella está sendo acolhida com sympathia e interesse.

Interesse e sympathia que são justos. Deus queira que "Festa" viva!

A revista está bem feita, um pouco incommoda pelo tamanho que chama attenção meia legua longe. O que prova que o grupo de "Festa" compreendeu afinal que a politica dos outros, era perfeitamente justificavel neste cesulo.

Quanto ao conteudo está muito rico. Sobretudo a parte poetica, porque na prosa a gente percebe que, com excepção de um ou outro raro, o grupo de "Festa" ainda está muito despeitado por causa da sombra injusta em que viveu. Está enfadado como o quê! Chamam os outros modernos, até de "nullos" e de outros nomes felos assim. Apesar disso, de vez em quando, surge alguma pagina bem feita, assignada por Andrade Muricy, por Brasílio Itiberê, Ribeiro Couto (um conto excellent), Tasso Silveira (uma pagina necessaria, sobre Symbolismo Brasileiro, embora um pouco necessariamente exagerada).

Na poesia brilharam, extraordinariamente até agora: Cecilia Meirelles e Gilka Machado. Os poemas que publicaram são positivamente admiraveis, a meu ver. E Francisco Karan, Carlos Drummond de Andrade, Tasso da Silveira, Murillo Araujo e outros, de que não lembro o poema de momento, vão fazendo a festa juntos, com muita gostozura.

Minha posição ao criticar "Festa" é particularmente espinhosa. Se ataco é porque sou do grupo contrario. Se elogio vão falar que estou namorando os louvores desses herdeiros dos symbolistas brasileiros. O grupo de "Festa" pôde estar certo de que nem uma cousa nem outra. Falem o que falarem, podem ter a certeza de que sou constantemente chamado por todos os qualificativos deste mundo, desde "genio" e "grande poeta", até "nullo" e "basta reverendissima". Não sou nada disso, tenho infelizmente a certeza.

Seria tão commodo ser nullo!... A gente, principia acreditando que é "genio", que é incompreendido, que só os nullos (os outros) é que sabem!... Quanto a genio, acho impossivel um genio verdadeiro gostar da vida como eu gosto.

MARIO DE ANDRADE.

O AFRICANO

Costuma estar ao sol em pé junto á porteira
Da fazenda, onde escravo arrastou toda a vida.
De um dos olhos é cego, e já do outro a cegueira
Lhe vae grudando á face a palpebra cahida.

Do corpo semi-nu' sob a pelle entanguida
Se esboça a secular ossada quasi inteira.
E a apparencia elle tem esguia e denegrada
De um tronco solitario em queimada clareira.

Dizem que ensandeceu de dôr no mesmo dia
Em que morreu seu dono: outros de nostalgia;
Outros que é feiticeiro e simula mudez.

Porque ás vezes lhe vem subita vida estranha
E elle pula e desconta e risos arreganha
E agil ginga no jongo ao batuque dos pés.

MARIO DE ALENCAR

LARANJA DA CHINA

BREVEMENTE
CONTOS BRASILEIROS

De

Antonio de Alcantara Machado

Radiotelephonia e surdez

Graças a um invento de Fred. W. Dierdorf, os surdos poderão de ora em diante deliciar-se com uma audição musical transmitida pelo Radio.

O aparelho inventado por Dierdorf é baseado nos mesmos principios do violino, do radio e do telephone, podendo imitar uma gamma de instrumentos musicaes e ampliar o som dos de corda.

Em Rochester, perante um grupo de surdos pertencente a uma escola local, foi feita uma experiencia com o aparelho de Dierdorf e somente uma criança entre 12 pessoas privadas do sentido da audição, não conseguiu ouvir o concerto.